ArReDia
Revista da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras / UFGD

HOMO HOMINI LUPUS: UMA LEITURA DE *APRENDER A REZAR NA ERA DA TÉCNICA*

Homo Homini Lupus: A learning of Aprender a Rezar na Era da Técnica

Renata Quintella de Oliveira[i]
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: *Aprender a rezar na era da técnica*, romance de Gonçalo M. Tavares, traz, como um dos temas relevantes, a questão do controle político através da inserção do medo nos cidadãos. Estratégia política discutida desde Thomas Hobbes, em obras como, por exemplo, Leviatã, o medo consistiria no poder invisível de que se valeriam Hamm Kestner e Lenz Buchmann, personagens do romance em questão. O autor português não localiza o romance espacial ou temporalmente, mas podemos traçar a hipótese de que estamos diante de uma alegoria do totalitarismo vivenciado por países europeus no século XX. Os nomes dos personagens apontam uma origem germânica, o que nos direcionaria, talvez, para o regime totalitário alemão. Contudo, os contornos históricos não são precisos: estamos diante de uma literatura que resgata a história "como vulto", como nos assegura Juliana Sá, uma das autoras que analisam o romance.

Palavras-chave: Gonçalo M. Tavares; medo e política; ficção portuguesa contemporânea; regimes totalitários.

Abstract: *Aprender a rezar na era da técnica*, Gonçalo M. Tavares's novel brings an important issue: the question of political control by insertion of fear in citizens. Political strategy discussed since Thomas Hobbes, in works such as Leviathan, the fear of the unseen would be worth that Hamm Kestner and Lenz Buchmann, characters in the novel in question power. The Portuguese author does not find the spatially or temporally novel, but we can trace the hypothesis that we are facing an allegory of totalitarianism experienced by European countries in the twentieth century. The names of the characters suggest a germanic origin, which would direct us, perhaps for the German totalitarian regime. However, the historical contours are not accurate: we are facing a literature that rescues the story "like figure" as assures us Juliana Sá, one of the authors who analyze the novel.

Keywords: Gonçalo M. Tavares; fear and politics, contemporary Portuguese fiction; totalitarian regimes.

Aprendizagem

À beira de um precipício, de cabeça para baixo,
pelo seu mais ilustre professor agarrado
somente pelos pés, eis que o aprendiz repete,
assustado, a lição da manhã.

(TAVARES, 2010, p.34)

Apontamentos iniciais

Autor de uma vastíssima obra, Gonçalo M. Tavares já é consagrado como um grande nome da literatura portuguesa contemporânea. Sua

produção literária percorre diversos gêneros e, muitas vezes, torna-se difícil a sua classificação. Um exemplo é o livro *Uma viagem à Índia:* melancolia contemporânea (um itinerário), texto que se revela, simultaneamente, romance, poesia e epopeia. Eduardo Lourenço afirma, no prefácio da obra citada, que se trata de um "prosaico poema, antipoema e hiper-poema, com consciência de sua ficcionalidade" (LOURENÇO apud GONÇALO, 2010, p. 9).

Em uma entrevista dada a Joca Terron, para o site *Entrelivros*, o autor aponta sobre esta questão dos gêneros:

> Os gêneros literários são quase sempre definidos pelo receptor e não pelo emissor, digamos assim. O que me parece preocupante é que o emissor, o escritor, antes de escrever já se submeta às lógicas de recepção, e portanto se sente na cadeira a pensar: agora vou escrever um romance, agora um poema, agora um conto. Penso que o ponto de partida de um escritor não é um gênero literário qualquer, o ponto de partida é o alfabeto. Há letras e com elas formo palavras, mas posso escrever o que quiser, ir por qualquer caminho. O alfabeto não tem gênero literário. Por isso, por mim, tento sentar-me e escrever, simplesmente. E às vezes sai de uma maneira, outras vezes sai de outra e realmente há livros que eu não sei classificar: são ensaio, um romance? Por exemplo, eu designo alguns livros que fiz como "bloom books", outros como "investigações". Enfim, tento por vezes dar-lhes o nome que me parece mais próprio. Mas alguns textos não sei mesmo o que são. O importante é que façam pensar, aumentem a lucidez do leitor, provoquem se possível reações, outras criações etc. (TAVARES, 2007, p. 2).

A produção literária de Gonçalo M. Tavares apresenta, também, outra peculiaridade: a produção em séries. Organizados pelo próprio autor, grupos de livros vão sendo apresentados ao leitor, na medida em que são publicados. Assim, temos: *Canções, O Bairro, O Reino, Bloom Books, Investigações, Poesia, Atlas, Cidades,* etc, configurando um desafio na interpretação desta nova concepção de gênero, criada pelo escritor.

Outra característica marcante na obra de Gonçalo M. Tavares é a aproximação de seus textos literários com outras áreas do conhecimento humano. Uma obra de literatura traz, também, reflexão filosófica e até abstrações matemáticas. Essa recusa da compartimentalização de suas obras parece ser uma preocupação constante e fica extremamente evidente após a publicação de *Atlas do Corpo e da Imaginação:* teoria, fragmentos e imagens, livro criado a partir de sua tese de doutoramento, que articula a cena literária com a reflexão filosófica. Esta consiste em uma obra caleidoscópica, na qual o autor revisita pensadores contemporâneos como

Bachelard, Wittgenstein, Foucault, Hannah Arendt, além de escritores como Vergílio Ferreira, Clarice Lispector, entre outros. É um livro para ser lido, mas também para ser "visto", já que conta com a colaboração de imagens do grupo "Os Espacialistas". É difícil definir se se trata de um livro de literatura, de filosofia, ou uma obra que atravessa essas ambiências, incluindo também um passeio por entre os meandros da arquitetura e da arte contemporânea.

Em entrevista dada ao *Jornal de Letras*, em novembro de 2013, o autor alega que o texto referido consiste em algo que é, simultaneamente, ensaio e ficção. O escritor confessa que tem fascínio pelo "e" e verdadeira repulsão pelo "ou", o que nos leva a constatar que há grande interesse em escrever obras que perpassam diversos gêneros e universos intelectuais diferenciados.

Aprender a rezar na era da técnica: posição no mundo de Lenz Buchmann faz parte da tetralogia *O Reino*, assim cunhada pelo próprio autor, que também é incluída em outro grupo de livros denominado de "livros pretos". Em uma entrevista dada ao *Círculo de Leitores*, O próprio Gonçalo M. Tavares revela que os quatro volumes de *O Reino* "são livros pretos, no sentido de uma certa dureza, e de um certo desencanto. Desencanto é a interrupção do canto, é uma coisa que incomoda"[1].

"Incômodo" parece ser o vocábulo preciso para designar o que sentimos ao nos defrontarmos com este romance. Com um enredo que, embora seja de localização imprecisa espacio-temporalmente, nos direcione para um período pós-guerra, *Aprender a rezar na era da técnica* apresenta uma linguagem cortante, com cenas violentas que chocam o leitor. Segundo Juliana Sá, o romance referido traz-nos "o espírito conturbado das catástrofes históricas (...) recuperado como vulto, do qual nenhum personagem ou mesmo o ambiente narrativo dá a nitidez e os contornos esperados por um leitor de romances pretensamente históricos" (SÁ, 2012, p. 166). Desta forma, o apagamento dos índices, como argumenta Sá, ou seja, das datas, nomes e lugares, concede à narrativa de Tavares um caráter simultaneamente esquivo e memorial. A autora refere-se ao texto ficcional em questão como "literatura de testemunho secundário", já que os romances da tetralogia *O Reino* não trazem testemunhas legítimas da Shoah[2], mas sim "testemunhas secundárias", "aquelas que reelaboram o cenário e as vozes dos sobreviventes da experiência-limite da guerra sob a licença da *poiesis*. As referências à

[1] TAVARES, G. M. Entrevista concedida ao Círculo de Leitores, 2009. *apud* MARQUES, 2010, p. 22.
[2] Termo preferível a Holocausto, por este carregar conotações sacrificiais, segundo SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 57.

catástrofe histórica não são claramente expostas, mas podemos considerá-las implícitas através da evocação simbólica da memória de Auschwitz por via de seus idealizadores.

Este artigo objetiva traçar uma breve análise de uma questão central em *Aprender a rezar na era da técnica:* o medo. Será discutido o papel do medo na educação do protagonista do romance e as consequências disso em suas condutas futuras, as estratégias políticas elaboradas por Lenz Buchmann e Hamm Kestner. Tais personagens do romance utilizam-se do mecanismo de inserção do medo como dinâmica de controle da população, lembrando os pressupostos teóricos de Thomas Hobbes que, em *Leviatã*, pormenoriza esta questão. Lenz Buchmann, personagem que abandona a medicina para se dedicar exclusivamente à política, emblematiza, neste contexto, as estratégias de poder exercidas pelos líderes dos regimes totalitários empreendidos no século XX.

O papel do medo na educação de Lenz Buchmann

Há no romance um especial destaque para a maneira como fora educado Lenz Buchmann pelo pai, Frederich Buchmann. Militar e ex-combatente de guerra, Frederich possuía um código moral muito particular. Educava Lenz e o irmão mais velho Albert da mesma maneira, sendo que apenas o primeiro possuía as aptidões para dar continuidade ao modo de pensar e agir do pai. Desta forma, Frederich comparava os dois irmãos: teria gerado um "cão" e um "lobo":

> Mas sobre o comportamento de um e de outro não tinha qualquer dúvida:
> —Tenho um cão e um lobo—dizia Frederich Buchmann, directamente, aos filhos.
> E ele não chegava a dizê-lo, mas pensava nisto várias vezes quando sentia não ser capaz de manter a guarda vigorosa à família durante muito mais tempo; pensava que aqueles dois tipos de personalidade tornavam à partida incompatível qualquer aliança: o cão não poderá proteger o lobo porque não tem força para isso, e o lobo nunca protegerá o cão porque tal não está na sua natureza. (TAVARES, 2008, p. 101).

Logo na abertura do romance já nos defrontamos com uma cena terrivelmente cruel: Lenz é forçado a "fazer" a criada na frente do próprio pai e por ordens deste. Este é para nós um momento de dupla violência: a primeira imputada a Lenz pelo pai; a segunda exercida por ambos sobre a criada. Apesar de o narrador nos dizer que Lenz poderia ter dito não ao pai, o ato em si não deixa, em nossa visão, de ser extremamente violento. Em primeiro lugar, porque desprovido de qualquer sentimento; em

segundo lugar por se tratar do patrão que exerce uma opressão sobre a empregada da casa. Além disso, fica claro o caráter de opressão do pai em relação ao filho nesta situação, no momento em que esta imagem—a do pai obrigando-o a "fazer" a criada—o perseguirá no decorrer de sua existência.

Este verbo—o *fazer*—norteará a conduta de Lenz durante a maior parte de sua vida. Lenz é um homem que *faz*. Idolatrava, assim, o movimento, ao passo que menosprezava a imobilidade (traço exatamente oposto a Joseph Walser, protagonista do segundo volume da tetralogia). Outra imagem que é utilizada na caracterização do personagem é a da caça. O segundo capítulo da parte "Força" relata pormenorizadamente o ritual de caça exercido por Lenz. Todas as etapas deste *fazer* são descritas como um ritual de domínio sobre objetos e seres. No decorrer da narrativa, percebemos que a caça vai tomando um sentido metafórico, mas já apontado neste capítulo ("A caça"). Lenz exerceria o papel de caçador também nas relações interpessoais. Considerava-se o "mais forte", enquanto que a maioria das pessoas que o cercavam eram para ele "a caça" e, portanto, mais "fracos". Entretanto, Gonçalo M. Tavares não parece querer trabalhar com oposições tão simples. Há uma certa relativização desses opostos. Gustav Liegnitz, por exemplo, considerado inicialmente por Lenz "a caça" tornar-se-á, mais à frente, o novo "caçador".

O método educacional inusitado de Frederich também englobava castigos aos filhos, caso estes desrespeitassem o referido código moral. Uma das "leis" a serem respeitadas era não demonstrar medo: "—Nesta casa o medo é ilegal—era uma das frases mais marcantes de Frederich Buchmann" (TAVARES, 2008, p. 94). No caso de esta regra ser infringida, havia um castigo terrível: o "infrator" iria para um compartimento da casa, a "prisão", assim denominada por eles, um local sem janelas, sem mobílias e sem qualquer objeto.

Com essas diretrizes paternas (a mãe pouco o influenciava e é bem pouco mencionada no texto) Lenz "preparou-se, cresceu , tornou-se forte" (TAVARES, 2008, p. 95). Torna-se um cirurgião competente. Porém, a escolha pela medicina não foi motivada por uma causa humanística—Lenz não exercia a sua profissão pensando em salvar pessoas. Aquilo para ele era mais um *fazer* e que devia ser realizado com as qualidades que julgava essenciais em um "homem forte": precisão, eficiência, competência, pragmatismo: "Não o irritava ser considerado competente mas sim que essa competência fosse confundida com uma certa bondade, sentimento que desprezava em absoluto" (TAVARES, 2008, p. 36).

O exercício da medicina também é comparado ao ritual da caça, imagem que, como já assinalamos, perpassa o romance através de seu sentido metafórico. Encontrar e eliminar uma doença é algo para Lenz semelhante ao domínio de um corpo sobre outro corpo, como na caça. Outra comparação que surge no romance é a da medicina com a guerra. Assim nos revela o narrador:

> Porém, no fundo, mesmo nos vários anos em que exercera a medicina, Lenz havia sido um militar. Alguém com um sentido tenso dos deveres e que conhecia todo o comprimento de uma decisão—percebia bem que qualquer vontade, depois de desencadeada, deve ser aplicada em cada ponto até ao seu final, sem uma única indecisão ou abrandamento. Sabia que não se pode mudar no último momento a direcção do bisturi ou de uma bala, pois é assim que sucedem os erros, as grandes falhas—esse pecado não apenas técnico, mas também moral, de se atingir por inabilidade, por exemplo, um aliado (TAVARES, 2008, p. 108).

Futuramente, Lenz desiste da medicina para ingressar na carreira política, ao lado de Hamm Kestner, homem com o qual o protagonista vê uma parceria, por demonstrar ser também um "forte". O capítulo intitulado "Transferência de capacidades da medicina para a política" dá-nos revelações interessantes: para Lenz, o exercício da política terá um fundamento semelhante ao da medicina. Se antes o personagem era incumbido de salvar um organismo, agora teria como função salvar, "embora só parcialmente, as esperanças e o desejo de cada cidadão" (TAVARES, 2008, p. 161).

> A capacidade dos aparelhos do seu gabinete médico para detectar a decadência das células transferira-se, com facilidade, dessa escala mínima para a escala normal da rua, e das máquinas para o seu olho. A desordem moral e física dos habitantes comuns assustava-o da mesma maneira *profissional* com que a falência física de uma célula, antes, o assustava nas consultas no hospital. Era, digamos, um susto que não envolvia o assustado. (TAVARES, 2008, p. 161-162)

A racionalidade extrema de Lenz Buchmann chega a um ponto tal que ele imagina poder controlar a sua própria morte. Assim como acreditava ser semelhante a um deus na prática da medicina (pois tanto poderia salvar como matar uma pessoa[3]), Lenz acreditava ser superior ao seu próprio destino. Morreria, segundo seus planos, de maneira semelhante ao pai, através do suicídio, pois "*um Buchmann morre pelo*

[3] Cf. o momento em que Lenz, a pedido de uma paciente que estava a falecer, fecha os seus olhos: "A mulher havia pedido ao Dr. Lenz: *Por favor, feche-me os olhos*; e quando Lenz os fechou, com a sua mão direita, a morte veio ou a senhora morreu". (TAVARES, 2008, p. 82).

chumbo" (TAVARES, p. 111), como dizia Frederich aos seus filhos. Contudo, o protagonista não contava com o inesperado: quando estava já obtendo algum sucesso na recente carreira política, detecta um tumor no cérebro. A enfermidade consome Lenz rapidamente, incapacitando-o física e mentalmente. Torna-se aquilo que mais desprezava; um fraco, a depender dos cuidados de outras pessoas, em especial de sua secretária Julia Liegnitz, que se torna praticamente sua enfermeira. Estamos diante de uma espécie de "relativização dos opostos": fortes e fracos trocam seus papéis.

Lenz Buchmann chega a um ponto tal em sua debilidade física e mental que fracassa até mesmo em seu plano de suicídio. Falece diante de uma televisão, a olhar a luz do ecrã que, ao final de tudo, parecia acalmá-lo, espécie de "máquina-buda" como ressalta Meneses (2012).

Homo homini lupus: o medo como estratégia política de controle

No subcapítulo "*Vitae necisque potestas*", Pedro Manuel Ribeiro de Sousa Meneses, autor de Dissertação de Mestrado intitulada *A natureza não reza: sobre a tetralogia O Reino de Gonçalo M. Tavares,* começa a tratar da questão política problematizada em *Aprender a rezar na era da técnica*. O transitar de Lenz Buchmann da medicina para a política chama a atenção de Meneses e este reitera que o início do século XX conheceu a transposição do discurso médico para a política. É exatamente desta forma que o narrador do romance menciona esta questão, num capítulo intitulado "Transferência de capacidades da medicina para a política". Hamm Kestner, o líder do partido ao qual Lenz Buchmann se filia, diagnostica os males daquela sociedade e aponta como o caminho necessário: "Só começando a espécie de novo".

Em seguida, citando Foucault[4], o autor começa a abordar a biopolítica. Segundo ele, na modernidade, operou-se a transferência da política para a biopolítica. Meneses (2012) ressalva, por outro lado, que a biopolítica não é propriamente aplicada pelos personagens do romance, é apenas teorizada por eles, até mesmo pelo fato de Lenz ter sido atacado por uma doença súbita e avassaladora, que o tirou de cena no momento de concretizar os planos políticos que havia traçado com Hamm Kestner.

Utilizando também conceitos agambianos, o crítico tece algumas considerações sobre o protagonista. Segundo ele, Lenz considerava-se o "poder soberano", aquele que se encontra além da lei: "o soberano é o que se legitima a si próprio, está, ao mesmo tempo, fora e dentro da ordem

[4] A obra citada por Meneses é *História da sexualidade—I . A vontade de saber*. (1994)

jurídica. Para Lenz Buchmann, a lei dos homens nada vale, ele encontra-se fora dela, apenas sujeito a uma outra lei, a natural, a única que verdadeiramente parece vigorar" (MENESES, 2012, p. 119). Por outro lado, poderíamos identificar a condição de *homo sacer* no louco Rafa, afirma Meneses:

> O louco Rafa, portanto, é o representante da vida nua, da vida biológica do sujeito moderno exposto ao poder do soberano que o superintenda. A sua existência vem a comprovar a falibilidade de todo o Estado de direito, posto exista sempre algo além dessa lei que se diz ser o que a todos transcende, como um vestígio teológico ínsito à organização política. (...) Lenz tem plena consciência do poder, que lhe assistiria como soberano, isto é, como reificação da Lei, de dispor como bem entenda da vida dos seus concidadãos, por si entendidos como vida nua. (MENESES, 2012, p. 120).

Apesar desta observação feita sobre o personagem louco Rafa, o autor, em nota explicativa, relembra-nos que, em dado momento do romance, Lenz começa a se sentir fascinado por aquele habitante da cidade, considerando-o, até mesmo, seu igual. Isso porque, sendo louco, o personagem teria um comportamento imprevisível, determinando a si próprio, como o soberano. Criador de uma moral própria, o louco Rafa era visto por Lenz Buchmann como alguém admirável, por não encontrar restrições à sua vontade.

Entendendo o exercício moderno da biopolítica como a atribuição de um valor a uma vida humana, julgando-se, desta forma, o destino dela, Meneses (2012) acrescenta que Maria Buchmann, a esposa do protagonista, também poderia estar na mesma condição do louco Rafa, de *homo sacer* (no caso, *mulier sacra*). Nosso anti-herói julga-os fracos e decide, assim, que eles não merecem viver (mais à frente, no romance, ambos os personagens são mortos a tiros por Lenz Buchmann).

Meneses também reflete sobre a questão da infusão do medo como estratégia política de controle neste romance. Lenz Buchmann acreditava que o bom político deveria ser capaz de inserir o medo nos cidadãos, a fim de dominá-los. Gerar o medo no outro—seja esse outro um coelho ou um cidadão—seria a maneira mais eficaz de exercer o controle. Através do medo, passa-se a respeitar a lei. Meneses cita Hobbes que, com esse tipo de pensamento, legitimava o absolutismo: "Sem medo por um rei absolutista, os cidadãos não cumpririam o contrato social, e todo o país viveria em guerra contínua, provocada pela animalidade exposta dos seus cidadãos, regressados a um estado natural" (MENESES, 2012, p. 122). Daí

vem a expressão de que Hobbes se apropria: *homo homini lupus* ("O homem é o lobo do homem")[5].

O medo interessava o protagonista do romance em questão por motivos não necessariamente os mesmos aos expostos por Hobbes, segundo Meneses. Através desta estratégia, Lenz acreditava ser possível conservar o seu poder. Os movimentos rápidos são, para ele, sintoma do medo. Quanto mais mobilizados estivessem os cidadãos, mais amedrontados estariam, e mais fácil seria exercer o poder sobre eles. Seriam necessários dois tipos de medo, segundo o pensamento do personagem: o primeiro fazia com que os cidadãos saíssem da imobilidade e, o segundo, manteria as coisas em movimento:

> (...) Seremos tanto mais fortes, dizia Buchmann a Kestner nas suas conversas sobre estratégia, quanto mais conseguirmos infiltrar na população esta mistura: movimento rápido e temos. Não os deixar parar para que não deixem de ter medo. Não deixar de os amedrontar para que não parem.
> Havia, portanto, dois medos, e não apenas um. O primeiro medo arrancava as coisas da sua imobilidade e o segundo, mais poderoso, mantinha as coisas em movimento. (TAVARES, 2008, p. 223-224).

Esse medo infundido nas mentes de cada um faria com que os cidadãos sentissem a necessidade de alguém que os protegesse (lembremos da explosão no teatro municipal, premeditada por Lenz e Kestner). Porém, a doença que subitamente acomete o personagem não nos deixa saber a continuidade dos fatos. Para Meneses, o romance vai além do que preconiza Hobbes da seguinte forma:

> (...) O estado social é exatamente igual ao estado natural. O estado social será mais perfeito quanto mais medo exista, facto que consiste na recriação social das condições naturais. Ou seja, com o segundo medo ressurge a guerra de todos contra todos, embora a segurança da comunidade esteja salvaguardada pelo soberano; ressurge um estado de exceção, que fosse desejavelmente a normalidade. (MENESES, 2012, p. 123).

Marcelo Jasmin, autor de "O despostismo democrático, sem medo e sem Oriente", artigo presente em *Ensaios sobre o medo*, também aborda a questão do medo. Segundo ele, a alusão aos clássicos (o autor cita Hobbes, Montesquieu e Tocqueville) não deve ser encarada como um conjunto de teorias que podem ser aplicadas para se entender o aqui e

[5] Seria interessante comentar que, no romance em questão, Frederich refere-se a Lenz como um "lobo". Como as estratégias políticas de Kestner e Lenz apresentam certa aproximação com a teoria política formulada por Thomas Hobbes (principalmente em *Leviatã*), podemos intuir que essa expressão atribuída ao personagem já fosse talvez um indício dessa referência.

agora. Porém, podemos recorrer a esses autores a fim de refletir sobre o nosso tempo. Ao tratar de Hobbes, o autor afirma que, no *Leviatã*, encontramos três tipos de medo: "o medo da morte violenta no estado de guerra generalizada, o medo em relação ao poder do Estado instituído e o medo da morte, mesmo a natural, sempre misturado ao medo do que vem depois da morte (e que engendra a religião)" (JASMIN, 2007, pp. 111-112). Hobbes acredita que é o primeiro medo—o medo da morte violenta—que permite a saída da barbárie e a entrada na civilização. A paz só seria estabelecida com o poder do "Leviatã" (Estado).

Porém, Jasmin, apesar de ressaltar que os argumentos utilizados por Hobbes eram extremamente convincentes, faz uma crítica a eles. Segundo o autor, a teoria hobbesiana apresenta um "caráter temerário e intrigante", no momento em que todos os indivíduos abrem mão de sua soberania pela segurança nacional. Para Adauto Novaes, em seu artigo "Políticas do medo", do mesmo livro, essa questão é realmente problemática. Se o homem é um "ser-para-a-liberdade", ao abrir mão dela perde a sua humanidade. Cai em um estado de "decadência e alienação" (NOVAES, 2007, p. 15).

Além de aludir a Thomas Hobbes, Meneses também cita Peter Sloterdijk. Este autor refletia sobre a "utopia cinética", teoria política segundo a qual "o homem da modernidade avançada é uma avalanche que pensa, e não já o passivo caniço pascaliano" (MENESES, 2012, p. 124), ou seja, a intensificação dos movimentos seria, segundo essa teoria, a base para a constituição da civilização moderna.

Gostaríamos de encerrar este subcapítulo aludindo a uma questão ainda não abordada por outros autores que analisaram a questão política em *Aprender a rezar na era da técnica*—pelo menos pelos autores a que tivemos acesso. O capítulo "Especialistas amedrontados por um universalista" nos chamou a atenção, por tratar da questão da infusão do medo em outro ângulo.

Na visão de Lenz Buchmann, "a Igreja já não tinha a antiga força" (TAVARES, 2008, p. 212). Ainda assim, o protagonista a considera uma "mobilizadora parcial" e vê a necessidade de ter um sacerdote como aliado político. A estratégia utilizada para convencê-lo fora, justamente, o medo:

> Buchmann sabia bem que precisava dos sacerdotes; no entanto, percebera o fundamento para os dominar. A estratégia era simples: amedrontá-los, aos sacerdotes, quando a sós. Um homem—Lenz Buchmann—frente a um sacerdote, sem testemunhas e em solo considerado sagrado pela Igreja—eis o cenário; era fundamental a ameaça ser feita no território do

> outro, para que o outro perceba em que lado está a força (TAVARES, 2008, p. 210) .

Desta forma, coagido, o sacerdote aceita a parceria política. Mais uma "batalha" é vencida por Lenz Buchmann, que parecia viver em constante estratégia de ataque bélico. Entretanto, o final do livro revela-nos uma grande ironia. Julia chama um sacerdote para que este dê a Lenz a extrema unção no seu leito de morte. O protagonista, ao ver ali o padre à sua frente, sente que já o conhecia. Seria o mesmo padre a quem Lenz coagiu para ganhar um aliado político? Talvez. Como a perda de memória era já significativa, Lenz Buchmann não teve a certeza.

O fato é que Lenz, em seu estado de decrepitude, não pode impedir que a ação do padre fosse concluída. Tenta cuspir no sacerdote, mas nem isso consegue fazer:

> (...) Lenz, reunindo naquele momento todas as forças que tinha no interior da sua boca, avançava com uma cuspidela, que ele sentira primeiro ganhar balanço e depois sair da boca ou pelo menos tentar sair porque, devido à fraqueza e à posição em que o seu pescoço estava (a nuca pousada por completo sobre o colchão),o que de facto aconteceu foi que o cuspo não chegou a ser projectado; e o que de dentro do seu corpo parecera uma cuspidela firma atirada contra os olhos do sacerdote tinha sido, de fora, do exterior daquele corpo, visto enquanto um desleixo involuntário, um descontrolo da saliva que fizera com que o seu rosto—o de Lenz Buchmann—ficase sujo da própria saliva, imediatamente acima e abaixo dos lábios e no queixo. E só um ou outro salpico, quase imaterial, alcançara o rosto do sacerdote. (TAVARES, 2008, p. 352-353).

Ou seja, ao final do livro, ironicamente o narrador nos mostra que a Igreja tinha ainda mais poder do que Lenz Buchmann acreditava. Sem poder se manifestar, Lenz é forçado a ouvir aquele discurso do padre. E quem parecia ter medo, agora, era o protagonista:

> E eis que o padre estava já em pleno processo, mergulhado num discurso ininterrupto, discurso de tal forma sólido que parecia constituído por uma única palavra. Ali estava ele a amedrontá-lo; surgindo, aqui e além, as palavras céu, inferno e, algumas vezes, a palavra diabo. (TAVARES, 2008, p. 349).

Bibliografia

JASMIN, Marcelo. "O despostismo democrático, sem medo e sem Oriente". In: NOVAES, Adauto (org.) *Ensaios sobre o medo*. São Paulo: Editora Senac São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2007, pp. 111-133.

LOURENÇO, Eduardo. "Uma viagem no coração do caos". In: TAVARES, Gonçalo M. *Uma viagem à Índia:* melancolia contemporânea. (um itinerário). São Paulo: Leya, 2010.

MARQUES, Maria Margarida de Araújo e. *A (des)aprendizagem do humano em O Reino de Gonçalo M. Tavares.* Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra, 2010.

MENESES, Pedro Manuel Ribeiro de Sousa. *A natureza não reza:* sobre a tetralogia O Reino de Gonçalo M. Tavares. Tese de Mestrado. Universidade do Minho. Instituto de Letras e Ciências Humanas. Dezembro de 2012.

NOVAES, Adauto. *Ensaios sobre o medo*. São Paulo: Editora SENAC; Edições SESC, 2007.

SÁ, Juliana. "*Aprender a rezar na era da técnica* ou 'modos de pensar a paz após Auschwitz'". Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF, Vol. 4, n° 8, Abril de 2012, p. 153-172. Disponível em: http://www.uff.br/revistaabril/revista-08/010_Juliana%20Sa.pdf (acesso em 28/09/12, 12:47).

SELIGMANN-SILVA, Márcio. (Org.) *História, memória, literatura:* o testemunho na era das catástrofes. Campinas, S.P.: Editora da UNICAMP, 2003.

TAVARES, Gonçalo M. *Aprender a rezar na era da técnica:* posição no mundo de Lenz Buchmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. *Breves notas sobre o medo.* Florianópolis: Editora da UFSC: Editora da Casa, 2010.

_____. Entrevista concedida à Folha de São Paulo online. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/767901-portugues-goncalo-m-tavares-fala-sobre-maldade-saramago-e-o-brasil.shtml (acesso em 17/11/13 às 16:25)

_____. "Gonçalo M. Tavares e a glória do português". Entrevista concedida à Veja Abril. 2011. Disponível em: http://veja.abril.com.br/blog/meus-livros/entrevista/goncalo-m-tavares-e-a-gloria-do-portugues/ (Acesso em 07/02/14, às 11:02).

_____. "Ler para ter lucidez". Entrevista concedida a Joca Terron para o site *Entrelivros*, setembro de 2007.

Disponível em:
http://www2.uol.com.br/entrelivros/artigos/goncalo_m__tavares_-ler_para_ter_lucidez-.html (Acesso em 17/11/13 às 16:30).

_____. "Gonçalo M. Tavares: uma ficção que pensa". JL. XXIII, nº 1125-13-26/13.

_____. Entrevista concedida ao Círculo de Leitores, 2009. In: MARQUES, Maria Margarida de Araújo e. *A (des)aprendizagem do humano em O Reino de Gonçalo M. Tavares.* Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra, 2010.

[i] E-mail da autora: renataquintella@bol.com.br